

# ESTUDO SOBRE USO DE DROGAS NA ADOLESCENCIA DE PERIFERIA DA GRANDE VITÓRIA

FILEMON RIBEIRO DA SILVA

THAÍS CAUS WANDERLEY

## RESUMO:

O uso de drogas entre adolescentes tem aumentado significativamente nos últimos anos, inclusive nos bairros considerados de periferia. Embora o uso de drogas seja um fenômeno peculiar à sociedade, sabe-se que ele constitui um grave problema social e de saúde pública, pois tem trazido grandes consequências à vida do indivíduo, da família, como também para a sociedade na qual ele vive. Considerando ser esta uma problemática social relevante, este trabalho teve como objetivos entender como se configura a experiência de drogadição por parte de adolescentes de periferia, identificar causas do uso de drogas na adolescência de periferia, e as consequências na vida do sujeito e de sua família. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva e quali-quantitativa. Foram entrevistados 9 participantes, maiores de idade, que tiveram a experiência de uso de drogas na adolescência. O instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e tratados por meio de Análise de Conteúdo. Os resultados apontaram como causas que levam o adolescente ao uso de drogas são: **a ausência dos pais na educação, a influência que o ambiente e colegas tem sobre eles facilitando o acesso e uso de drogas**. As consequências na vida destes adolescentes foram: **a perda de relacionamento com seus familiares levando-os a abandonar seus lares e a entrar no mundo do crime para sustentar seu vício** e na vida de seus familiares foram: **o conflito familiar, a violência e a insegurança que esta traz para toda a família**. Assim, percebeu-se que a experiência de drogadição entre adolescentes de periferia tem se caracterizado por uma vida **de conflito familiar, de abandono do lar, de violência e de inclusão no mundo do crime**.

**Palavras-Chave:** Adolescentes, Consequências, Drogas, Famílias, Sociedade, Vício.

## ABSTRACT

Drug use among teenagers has advanced in recent years, including in neighborhoods considered to be on the periphery. Although drug use is a phenomenon peculiar to society, it is known that it constitutes a serious social and public health problem, as it has brought great consequences to the life of the individual, the family, as well as the society in which he lives. Recognizing that this is a relevant social issue, this work aimed to understand how to configure an experience of drug addiction by adolescents from the periphery, identified by causes of drug use in adolescence in the periphery, and as consequences in the life of the subject and his family. For that, a descriptive and qualitative-quantitative research was carried out. Nine participants, of legal age,

who had experience of drug use in adolescence, were interviewed. The instrument used was a semi-structured interview. The 2.5 were recorded and transcribed in full and treated using Content Analysis. The results indicated that the causes that lead adolescents to drug use are: the absence of parents in education, the influence that the environment and peers have on them, facilitating access to and use of drugs. The consequences in the lives of these teenagers were: a loss of relationship with their families, leading them to leave their homes and enter the world of crime to support their addiction and in the lives of their families were: family conflict, violence, this and the insecurity it brings to the whole family. Thus, it is avoided that an experience of drug addiction among adolescents from the periphery has to protect themselves from a life of family conflict, from leaving home, from violence and from inclusion in the world of crime.

## **1. INTRODUÇÃO:**

De acordo com o Ministério Público do Estado do Paraná (2020), o Relatório Mundial sobre as drogas 2020 revelou que cerca de 269 milhões de pessoas usaram drogas no mundo em 2018, isso significa um aumento de 30% em comparação com o ano de 2009. Segundo os dados, mais de 35 milhões de pessoas sofrem algum tipo de transtorno associado ao uso de drogas. É perceptível o aumento no consumo de drogas, porém ao ser investigado, percebe-se que parte desse aumento se deve aos adolescentes, principalmente os da periferia. A que se deve esse fenômeno? Quais são as possíveis causas para o aumento desses adolescentes, tanto no que diz respeito ao envolvimento no tráfico como também no consumo de drogas?

Sabe-se que a fase da adolescência é vista como um processo de transição, em que o indivíduo passa da infância para a vida adulta, e, é nesse momento que ocorrem mudanças significativas nas esferas biológica, emocional, cognitiva e social, e como consequência vem o desejo exacerbado de autonomia, de afirmação, de independência, sinalizando o desejo claro de se emancipar de seus familiares. Frente a esta crise, tão peculiar a essa fase, o adolescente acaba se expondo mais, indo em busca de algo que pode amenizar sua frustração, sua dor, e muitas vezes encontra esse conforto nas drogas, ainda que o efeito seja momentâneo e extremamente prejudicial à sua saúde e ao seu futuro.

De acordo com Filho (2014), a fase da adolescência é uma etapa situada entre a infância e a fase adulta. Segundo ele, esta é uma fase estigmatizada pelo processo de crescimento e desenvolvimento psicossocial, é a época onde ocorrem as transformações, as descobertas, as rupturas cognitivas e as múltiplas experiências no que diz respeito ao comportamento adulto. Segundo ele, é nesse tempo, juntamente com as novidades, com os experimentos, que surgem o perigo e ameaça de se envolver com as drogas mais simples e utilizadas no cotidiano; drogas como: álcool e tabaco, podendo também em algum momento lançar mão das ilícitas como; maconha, cocaína, ecstasy e outras mais.

Schenker e Minayo (2005) dizem que a fase da adolescência é fator constituinte de um período crucial para o início do uso de drogas, ainda que, a princípio, seja apenas

para conhecimento, para uso, a princípio, meramente experimental. Segundo elas, o contato e utilização tanto de drogas lícitas como as ilícitas, perpassa pela fase da adolescência até a velhice e, mais especificamente no que diz respeito ao Brasil, o consumo mais comum são álcool, fumo e maconha. O desejo do adolescente de se obter prazer com o consumo de drogas revela o risco que o adolescente corre de se tornar dependente químico e comprometer todo seu desenvolvimento até chegar à fase adulta, quando se espera que ele desenvolva seu papel social com habilidade, compromisso e responsabilidade diante da sociedade.

É nesse contexto que se faz necessário compreender o uso de drogas na adolescência, levando em consideração as realidades que perpassam estes sujeitos. Neste sentido, a justificativa para a realização desse trabalho surge a partir da percepção do aumento de adolescentes envolvidos com drogas e as implicações disso. Como Relevância Científica, o presente trabalho procura identificar quais são as possíveis consequências que o vício das drogas acarreta na vida dos adolescentes de periferia e de seus familiares, o que vem colaborar com a Psicologia em novas discussões. A Relevância Social do presente estudo está em gerar subsídio para a construção de intervenções e políticas públicas de combate a drogadição e ao tráfico de drogas.

Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar como tem se configurado o envolvimento de adolescentes de periferia no vício das drogas. E traz como objetivos específicos: identificar quais são os fatores que levam os adolescentes de periferia a se envolverem com as drogas; analisar quais são as possíveis consequências que o uso de drogas na adolescência pode acarretar para vida do adolescente; investigar as possíveis consequências que o uso de drogas na adolescência pode acarretar para sua família.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

A fase da adolescência é uma fase de grandes desafios, como disse Pinsky e Bessa (2012): a adolescência é uma fase típica de grandes transformações, ruptura e aprendizado. Esse é momento onde o adolescente se lança em busca de novidades, de conhecimento, e afirmação pessoal, com isso surge o medo, a instabilidade, a insegurança e também o amadurecimento. É nessa fase que ocorre a mudança hormonal deixando o adolescente mais agitado, cheio de energia, com disposição em alguns momentos, e em outros momentos, entediados, sem ânimo, sem disposição, irritado, insatisfeito com a escola, com seus colegas, consigo mesmo, com seu corpo e até mesmo com seus familiares.

Como se vê, esta é uma fase bastante complexa e, por isso, requer mais atenção, mais aproximação de seus familiares. Essa é uma fase em que há a necessidade de ser mais bem assistida por parte de seus familiares. Diante desse quadro, se faz necessário identificar quais são os fatores que levam os adolescentes de periferia a se envolverem com as drogas.

De acordo com a psiquiatra Ana Paula Nonato, especialista em dependência química pelo IPQ. Ramos (2018), um dos fatores que tem levado os adolescentes a se envolverem com drogas é a ausência dos pais. De acordo com ela, os jovens e

adolescentes têm sido alvos de um excesso de informações que a globalização e a era digital têm proporcionado, por outro lado, pouco tem sido a atenção dada pelos pais, assim os adolescentes se tornaram vulneráveis às frustrações, com dificuldades no dia a dia, acumulando sentimento de tristeza em sua vida.

Segundo Eizirik e Bergmann (2004), a não participação do pai na criação dos filhos deixa o filho numa situação de fragilidade, deixa o filho mais propenso a gerar conflitos psicológicos e cognitivos; de acordo ainda com ele, isso pode influenciar o aparecimento de transtorno comportamental. É nesse momento, quando o adolescente se sente frágil, quando ele está quase que em situação de vulnerabilidade, é que muitos problemas podem emergir, inclusive o envolvimento com as drogas.

Segundo Schenker e Minayo, a família exerce papel fundamental no que diz respeito a inserir seus membros na cultura, e viabilizar as relações primárias, influenciando os adolescentes no tipo de reação mais adequada que se deve ter frente à ampla oferta de drogas existente na sociedade dos dias de hoje. De acordo com ele, um relacionamento familiar saudável pode proteger a criança desde o nascimento e, ainda, de forma positiva, influenciar o indivíduo em sua fase mais complexa, que é a fase da adolescência, viabilizando um crescimento saudável e maduro, que corresponda com as expectativas de uma sociedade sólida e coesa.

De acordo com a pesquisa, é comum, em algumas periferias, adolescentes serem criados em ambientes familiares que influenciam, fomentam, que promovam o uso de drogas, desde a fase da adolescência até a fase adulta, proporcionando assim um ciclo vicioso.

De acordo com Barros e Tucci (2018), analisando os usuários de crack e, a partir de seus relatos, percebeu-se que o ambiente familiar contribuiu para que estes iniciassem de forma precoce o uso de drogas e sua manutenção. A pesquisa revelou que no ambiente familiar, estes eram educados e punidos de forma violenta, pois o histórico familiar revela o uso de álcool e outras drogas por aqueles que eram responsáveis pela educação dos mesmos. O ambiente sem afeição, com casos de separações parentais e uso compartilhado de drogas entre os parentes, contribuíram, de certa forma, para que estes se tornassem usuários.

Percebe-se, que os primeiros contatos com as drogas, podem acontecer de várias maneiras e por diversos motivos. Podemos dizer que é na fase da adolescência que surgem as curiosidades, as dúvidas, o desejo do conhecimento, de experimentar aquilo que é novo, mesmo com a possibilidade de riscos, e, é nessa fase que o sujeito pensa ser capaz de decidir por si mesmo, sem a orientação de outros mais experientes. Esse é o momento de sua afirmação, da busca de sua identidade como sujeito, com essa busca surge a curiosidade, as frustrações, a insatisfação, a timidez, a insegurança, o desejo do prazer, o desejo de experimentar emoções novas e diferentes.

Como se vê, são vários os fatores que podem levar o adolescente a ter os primeiros contatos com a droga, é como Silva et al., (2006) cita em sua análise. Segundo ele, a facilidade de se obter drogas, a disponibilidade e uso por parte de amigos facilitam os primeiros contatos; Silva et al (2006), citando ainda (BECKER, 1953) diz que fazer parte de um círculo de amigos usuários de drogas é a condição principal para se ter os primeiros contatos.

Como se vê, além do ambiente, amigos, parceiros e outros, há ainda, o tráfico que predomina em muitas de nossas periferias, e surge como fator preponderante para que o adolescente tenha seus primeiros contatos com as drogas; afinal, quando o adolescente se envolve com o tráfico, a princípio, é para ser remunerado, funciona como uma forma de suprir suas necessidades e, muitas vezes, de ajudar financeiramente seus pais; destarte, ele tem no tráfico, aquilo que pode ser considerado por ele seu primeiro trabalho, que vai gerar renda para realização de seus desejos, de seus anseios, de ajudar sua família, porém, juntamente com sua remuneração, surge também a oportunidade de conhecer, de experimentar a droga, e conseqüentemente se tornar um dependente químico que trará sofrimento para si e para seus familiares.

Por isso, Rêgo (2018), cita como fator preponderante para o envolvimento com as drogas e o tráfico, a questão financeira, segundo ele, 62% alegam o desejo de ajudar a família, outros 47%, o fato de querer ganhar bastante dinheiro.

É do conhecimento de muitos, que em alguns casos, é no ambiente de convívio que acontecem os primeiros contatos com substâncias químicas. Pais que bebem e fumam, abrem precedentes para que seus filhos venham reproduzir o comportamento semelhante. É comum pais, muitas vezes tios e até outros oferecerem bebida alcoólica para uma criança, e pensar que não existe nenhum problema. Diante de tais descobertas, é preciso analisar quais são as possíveis conseqüências que o uso de drogas na adolescência pode acarretar na vida do adolescente e investigar as possíveis conseqüências que o uso de drogas na adolescência pode acarretar para sua família.

De acordo com Marques e Cruz (2001), o uso e dependência dessas substâncias, podem trazer conseqüências devastadoras para a vida do adolescente, que ainda se encontra numa fase de transição, de formação, e que, dentro de algum tempo se tornará um homem adulto. E no mais, essa dependência química, servirá como um gatilho desencadeador de acidentes, violência, gravidez precoce, DST, em alguns casos o abandono do lar e da família, se tornando morador de rua, chegando aos extremos ao ponto de cometer assassinato e até mesmo o suicídio. No caso do uso de álcool, o que é mais comum nessa faixa etária, pode trazer outros prejuízos como: acidentes, violência, intoxicações, hepatite, crises convulsivas, overdoses, e outras mais duradouras e até mesmo irreversíveis. Já a família, quando descobre que o adolescente está envolvido com as drogas, entra em desespero, em estado de completa instabilidade emocional, o que acarreta os conflitos e desestabilidade familiar.

Destarte, a partir de uma análise mais detalhada, torna-se compreensível tal comportamento por parte da família; afinal, descobrir que alguém tão próximo, querido e amado por todos da família se envolveu com as drogas, desenvolvendo um quadro de dependência química, deixa todos da família perplexo, apreensivo, sem ação, com sentimento de culpa, tristeza, desespero e ao mesmo tempo de revolta.

Por isso, não sabendo lidar de maneira correta com o adolescente que se encontra preso ao vício, a família corre o grande risco de fazer emergir um abismo entre si e esse adolescente que é dependente químico.

### 3. METODOLOGIA:

#### 3.1. DELINEAMENTO

A pesquisa apresentou delineamento misto, pois buscou analisar os fenômenos estudados em profundidade, bem como usou comparações numéricas para suas análises. Segundo Creswell (2010) como entende-se por método misto, aquele que se trabalha aspectos qualitativos e quantitativos e que permite ao pesquisador fazer “[...] inferências tanto sobre os bancos de dados quantitativos quanto sobre os bancos de dados qualitativos” (CRESWELL, 2010, p.41).

A pesquisa também se delimitou de forma descritiva, que segundo Gil (2008) se refere a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]. Assim, o percurso metodológico permitiu que fossem trabalhadas descrições dos fenômenos de drogadição encontrados.

“Esta pesquisa envolve descrição dos dados obtidos por meio do contato do pesquisador com o fenômeno estudado” (FONSECA apud BEDIN; MADEIRA, 2015, p. 46).

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa viabiliza uma maior aproximação e compreensão real do objeto de investigação, e com isso um melhor entendimento do fenômeno investigado. Ela se processou por meio de aproximações sucessivas da realidade, produzindo subsídios para uma real intervenção. Segundo ainda Fonseca (2002), investiga-se uma pessoa ou grupo indagando sobre os aspectos compatíveis e reais com o problema da pesquisa.

#### 3.2. AMOSTRA/PARTICIPANTES

Participaram deste estudo nove indivíduos residentes na Grande Vitória, maiores de 18 anos - considerando ser a idade legal em que a pessoa já pode responder por si - e que confirmaram a experiência de uso de drogas na adolescência.

A configuração da amostra foi realizada por meio da técnica metodológica bola de neve, correspondente a um procedimento que utiliza uma rede de referências da qual um entrevistado fornece a indicação de um ou mais sujeitos, possibilitando maior alcance da amostragem (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

A partir dessa percepção, foram entrevistados 9 (Nove) indivíduos, os quais foram identificados com nomes fictícios, conforme descrição do quadro a baixo:

Nome	Sexo	Idade atual	Idade em que iniciou o uso	Tempo de uso	Qual tipo de droga iniciou	Quais tipos de drogas usou	Quais tipos de drogas está usando hoje
Carlos	masc.	25 anos	17 anos	8 anos	Maconha	Bob cristal, LSD e cocaína.	Há 8 meses não faz uso

Pedro	masc.	52 anos	19 anos	33 anos	Maconha	Maconha e cocaína	Maconha e cocaína
Roberto	Masc.	38 anos	17 anos	21 anos	Maconha	Maconha, cocaína e crack	Maconha e cocaína
Ricardo	Masc.	24 anos	13 anos	11 anos	Maconha	Maconha, cocaína e crack	Maconha, cocaína e crack
João	Masc.	29 anos	12 anos	17 anos	Maconha	Maconha, cocaína e crack	Maconha, cocaína e crack
Marcelo	Masc.	36 anos	12 anos	24 anos	Maconha	Maconha, crack e cocaína	Cocaína e crack
Rodrigo	Masc.	35 anos	14 anos	21 anos	Maconha	Maconha	Maconha
José	Masc.	32 anos	10 anos	22 anos	Maconha e cocaína	Maconha, cocaína, crack e outros	Maconha, cocaína, crack e o que tiver
Silvia	Fem.	38 anos	10 anos	17 anos	Alcool e maconha	Alcool, maconha, cocaína, crack	Há 11 anos não faz mais uso

### 3.3. INSTRUMENTOS

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada. A entrevista semi-estruturada se caracteriza, segundo Mynaio (2009), por meio de um roteiro de perguntas pré-estabelecidas, com flexibilidade de acionar outras perguntas caso seja necessário, ou seja, o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender ao roteiro formulado.

A primeira compreendida como entrevista informal, que visou abordar os temas como: o uso de drogas na adolescência de periferia; como, quando e onde aconteceram os primeiros contatos; quais são as consequências que o uso de drogas trouxe para a vida desses e de seus familiares. A segunda, visando abordar a realidade pouco conhecidas pelo pesquisador, que ofereça uma visão geral do problema (GIL, 2009, p. 111) ou como declara Fonseca:

Buscam analisar o porquê dos acontecimentos, mas não expressam valores para aprovação dos fatos; procuram aprofundar o conhecimento sem se importar se a pesquisa é grande ou pequena. Esta pesquisa envolve descrição dos dados obtidos por meio do contato do pesquisador com o fenômeno estudado (FONSECA apud BEDIN; MADEIRA, 2015, p. 46).

### **3.4. PROCEDIMENTOS**

Ao conhecer o sujeito e, tendo utilizado a pesquisa por acessibilidade e, em alguns casos por conveniência, o pesquisador explicou ao sujeito o tema a ser pesquisado e perguntou a ele, se estava disposto a contribuir com a pesquisa. Após o sujeito concordar em contribuir com a pesquisa, o entrevistado e o pesquisador acordaram um lugar adequado para realização da entrevista. No dia, local e horário que foi previamente definido, o pesquisador, antes de iniciar a entrevista, leu juntamente com o sujeito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ressaltou que suas informações pessoais seriam mantidas em sigilo e, caso ocorresse alguma consequência durante aquele momento, este teria apoio. Depois desse esclarecimento, pediu-se que o mesmo assinasse as duas vias do termo, de modo que uma ficou com ele e outra com o pesquisador.

O pesquisador, ressaltou ainda que, se o sujeito entrevistado tivesse interesse, poderia entrar em contato com os resultados obtidos após a conclusão do artigo.

### **3.5. ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE**

Os dados obtidos foram tratados por meio da Análise de Conteúdo, que trabalha o agrupamento de respostas semelhantes em categorias elucidativas (BARDIN, 2011), e passaram por uma análise mista (quantitativa-qualitativa). De acordo com Creswell (2010), esta forma de análise poderia contribuir para um melhor entendimento do problema tratado nesta pesquisa, e possibilitou entrar em contato com as subjetividades de cada sujeito entrevistado.

Para análise interpretativa da qual propõe o tema, foi utilizado a teoria Humanista de Carl Rogers, a “Abordagem Centrada na Pessoa” e Abraham Maslow, a “Hierarquia de Necessidades Básicas de Maslow”.

Pois de acordo com a teoria de Rogers, é possível estabelecer condições que fomentem o processo de mudança para que o sujeito viva de forma mais integrada, mais responsável e menos conflituosa. O terapeuta poderia, de acordo com (ROGERS, 1988), fazer uso das três principais atitudes frente ao paciente: a congruência, a consideração positiva incondicional e a empatia.

E, Papalia (2006), citando (MASLOW, 1954), diz que o indivíduo somente atentará para as necessidades superiores, depois que as necessidades básicas forem alcançadas. Segundo Maslow, a necessidade mais básica do indivíduo é a sobrevivência fisiológica. Para Maslow (1908-1970), há uma hierarquia de necessidades que, a partir de uma ordem, segundo ele, fomentará o comportamento humano:

### **3.6. ASPECTOS ÉTICOS**

Foram entrevistados nove indivíduos, com a idade variável a partir dos 18 anos, sem fazer discriminação, podendo ser tanto do sexo masculino como feminino. Foi emitido um termo de consentimento livre e esclarecido, que ficou em poder dos pesquisadores e dos entrevistados. Foi mantido o sigilo total dos participantes, preservando e resguardando a integridade física, psíquica e emocional dos mesmos, os quais tem nomes fictícios. Pois de acordo com (GOLDIM, 2001), é de extrema importância garantir de que não houve discriminação quanto a seleção dos sujeitos, como

também, de forma alguma, expor os mesmos a riscos desnecessários.

#### 4. RESULTADO E DISCUSSÃO:

A pesquisa científica mostrou, a partir de dados obtidos, que são vários os fatores que levam o adolescente de periferia a se envolver com as drogas, e as consequências que esse envolvimento acarreta para o adolescente e seus familiares. Destarte, serão destacados alguns fatores que a pesquisa revela como fatores preponderantes para iniciar a drogadição na adolescência, assim como as consequências que esse envolvimento acarreta tanto para o adolescente envolvido com a drogadição como também para seus familiares.

Os resultados e discussão dessa pesquisa serão apresentados a seguir por meio de temáticas, relacionadas com os objetivos da pesquisa.

##### 4.1. Fatores que levam os adolescentes de periferia a se envolverem com as drogas;

###### Quadro 1:

Categories	Significados	Quantidade
1. Ausência dos pais; 1.1. Na educação 1.2. Na formação de caráter 1.3. Na proteção	Ausência no sentido de prover todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de caráter e personalidade, ensinar, instruir, educar, zelar, tomar conta de algo ou de alguém. Preocupar-se com alguém, assumir a responsabilidade, suprir as necessidades básicas de quem está em processo de amadurecimento, de transformação, em situação de risco, ou em estado de vulnerabilidade	84
2. Influência; 2.1. Ambiente 2.2. Colegas	Local, pessoa com poder de exercer más influências sobre alguém, promovendo mudanças, modificações e experimentos	78
3. Liberdade; 3.1. Oportunidade 3.2. Curiosidade 3.3. Acesso a drogas	Grau de independência sobre si, para fazer o que quiser, sem limites e disciplina, ocasião propícia, oportuna para executar, para experimentar, conhecer o que é novo, o desconhecido, que na maioria das vezes, causam dependência, prejuízo e dano a saúde	60

De acordo com a pesquisa, percebeu-se que a ausência dos pais, ou seja, a não participação efetiva dos pais na **educação dos filhos** é um fator preponderante que corrobora significativamente com o primeiro contato do adolescente com as drogas, principalmente na fase da adolescência, fase esta que, na introdução desse trabalho, ficou explícito como fase de transição, de transformação, de aprendizagem e descobertas, e que requer uma maior atenção e participação dos mesmo na educação dos filhos. O participante Marcelo *disse*:

Mas sem dúvida, se eles (meus pais) tivessem me acompanhado mais de

perto, talvez até mesmo sido mais rigorosos, quem sabe eu não teria chegado onde cheguei”. Já roberto, outro entrevistado relatou: “[...] era só eu e minha mãe. Minha mãe trabalhava, não tinha tempo para me aconselhar, para me acompanhar, por mais que ela quisesse não teria como. Assim, eu tinha liberdade para ir onde quisesse e me envolver com quem eu quisesse (MARCELO 2021).

Sabe-se, que a falta de informação, a falta de diálogo, a falta de um relacionamento mais próximo e amigável dos pais com os filhos, assim como a falta de limites e disciplina, são fatores que podem levar muitos adolescentes ao envolvimento com as drogas. De acordo com Sanchez et al. (2010), a informação demonstra ser primordial à prevenção do uso experimental entre adolescentes e jovens e, de acordo, ainda, com ele, a informação mais eficaz, é a transmitida pela família. A fase da adolescência, conforme citado a cima na introdução, é uma fase de transição, de descobertas, de transformação. Destarte, grande parte dos pesquisadores, dizem que a fase da adolescência é uma fase em que há a necessidade de uma participação efetiva dos pais, é preciso acompanhar os filhos de perto. É preciso indagar, procurar saber os lugares os quais os filhos têm frequentado, aonde e com quem os filhos andam, o que estão fazendo.

Os pais poderiam fazer o papel de um “pai investigador” e, ao mesmo tempo, transmitir as informações que os filhos necessitam para se esquivar das drogas e conseqüentemente dos males que esta lhe causa. Sanchez et al., (2010), diz que, a princípio, a informação transmitida pela família é imprescindível para a prevenção de drogas entre adolescentes e jovens, ainda em sua fase experimental; ao passo que Benchaya et al., (2011), nos esclarece que: ao exercer um estilo materno autoritativo, estilo parental que coadunam altos níveis de controle e de afetividade, contribuem para a prevenção de uso de drogas, e o estilo mais autoritativo paterno está ligado ao não abuso de drogas. A possibilidade do uso de drogas na adolescência é significativamente reduzida quando os pais esclarecem sobre as conseqüências que estas podem acarretar aos filhos, ao mesmo tempo em que os laços afetivos entre pais e filhos são garantidos por sentimentos de cumplicidade e respeito (Sanchez et al., 2005).

Quando se fala em educar, lembramos da **formação de caráter**, este é outro fator que foi muito citado na pesquisa, e que, segundo ela, corrobora com o auto índice de adolescentes envolvidos com as drogas. Mais uma vez, falaremos sobre a importância da família na vida do adolescente. Dessa vez, no que diz respeito a formação de caráter. Não se pode ignorar, o quanto é imprescindível o papel que os pais exercem no desenvolvimento e na formação de caráter dos filhos, lembrando que esta é uma fase de descoberta, de aprendizagem, de curiosidade, de observação e de absorção. (PINSKY; BESSA, 2012):

Como se vê, a adolescência pode ser vista como uma fase, onde o adolescente observa e absorve muito do que está ao seu redor. É nesse momento, nesse primeiro convívio social, no seio da família, que os pais, os adultos poderão ensinar, poderão influenciar de forma positiva os filhos que estão numa fase de aprendizagem.

Assim, os pais exercem, imprescindivelmente, o papel central neste processo, pois eles podem oferecer a base inicial com suas normas e regras que são essenciais para o convívio social; poderão transmitir por meio de suas atitudes e comportamentos às gerações que os sucedem; assim o adolescente poderá aprender com os demais a

necessidade de amar, de respeitar, de obedecer, de ser empático. Assim como também: de não roubar, de não se apropriar indevidamente do que é do outro, de não mentir, não enganar, de saber aonde termina seu limite e aonde começa o do outro, de quando se deve pensar no individual e no coletivo. É nesse ambiente que o adolescente adquire maturidade, características que irão o acompanhar por toda a sua vida (BIASOLI-ALVES, 2001).

De acordo com Garcia, Pillon e Santos (2011), o ambiente familiar é imprescindível para formatação de modelos e comportamentos que se desejam para os filhos, destarte, os pais servem de protótipos para serem seguidos ou não pelos adolescentes. Nesse caso, é importante destacar a interação entre pais e filhos, um relacionamento mais próximo, de cumplicidade, de mutualidade, onde o filho confia nos pais, onde não haja desconfiança, onde haja diálogo entre ambos, onde o filho tem no pai o seu referencial e procura se espelhar nele.

De acordo com Marcelo, um dos participantes entrevistados na pesquisa, o que faltou em sua adolescência foi exatamente o relacionamento proximal, o relacionamento de pai com o filho, o relacionamento que permite a aproximação um do outro, que permite o diálogo e que produz a confiança mutua, a cumplicidade; vejamos o que ele mesmo disse com suas palavras:

Sentar e dialogar, isso eles não faziam comigo, eles não conversavam, eles não conseguiram fazer isso comigo; Tentar trocar ideia, falar sobre sexo, drogas. Esses assuntos, geralmente, têm alguns pais que não fazem, não gostam de fazer essa abordagem. Eles não fizeram isso comigo, não falavam de sexo e drogas comigo. Então, eu fui crescendo, como eu disse anteriormente, não terminei o Ensino Médio (MARCELO, 2021).

No entendimento de Broecker & Jou (2007), o não ter um relacionamento de afeto entre pais e filhos, somado ao pouco interesse de saber o que os adolescentes fazem, realizam no dia a dia e, sem permitir que se expressem, que haja diálogo entre pais e filhos, é considerado como fator de risco. Por outro lado, Broecker & Jou (2007) diz que: quando há um relacionamento mútuo entre pais e filhos, em que exista afeto, suporte e compreensão, os adolescentes se sentem aceitos, seguros, valorizados e isso contribui para um crescimento seguro e positivo contra a drogadição.

A drogadição do adolescente, de acordo com a pesquisa realizada, está associada a ausência dos pais, **no sentido de dar proteção**, no sentido de proteger, de promover segurança ao filho. O adolescente, está numa fase de transição, de transformação, por si só já se sente inseguro, desprotegido; e, é exatamente na família, nos pais é que o adolescente encontrará segurança, a proteção devida. De acordo com Malta et al. (2011b), a família é o espaço onde o adolescente se sente seguro, isso quando os pais agem demonstrando preocupação com as atitudes que representam riscos para os filhos, quando os pais agem com o intuito de desencorajá-los a não realizar algo que os coloque em situação de risco. Paiva e Ronzani (2009), destacam que os adolescentes que são melhores assistidos pela família demonstram menor possibilidade de consumo de drogas e, o amor, a preocupação declarada pelos pais, reservando tempo para estarem com os filhos e agindo com firmeza e disciplina contribui para mantê-los afastados das drogas.

Ao abordar a **falta de segurança**, ou a **falta de proteção** como fator de riscos para o envolvimento de adolescentes de periferia com as drogas, é preciso levar em conta a

situação de vulnerabilidade em que muitos deles se encontravam quando se deu o início a drogadição e, o quanto os pais são responsáveis **por proteger**, por promover **a segurança** dos filhos, evitando assim, o envolvimento dos mesmos com as drogas. A partir das entrevistas de alguns dos participantes, fica evidente que muitos desses adolescentes se envolveram por estarem em situação de vulnerabilidade, desprotegidos, sem nenhuma segurança dada por parte dos pais. Quando perguntado a um dos entrevistados: com qual idade você experimentou pela primeira vez a droga? Onde você estava, como aconteceu isso? Silvia respondeu:

Eu Morava somente com minha mãe. Mas, a dificuldade, a necessidade em minha casa era tão grande que eu comecei a usar drogas com dez anos não por acaso. Eu, na verdade, saí de casa e fui para as ruas com dez anos. Lá eu aprendi de tudo, até o momento em que eu fui para [...], cidade grande. Pensei, vou para casa de minha avó, infelizmente, não tive o apoio que esperava ter lá, fui rejeitada. Ali, acabei na rua, fazendo de tudo um pouco (SILVIA, 2021).

De acordo com Sodeli (2015), o adolescente que estiver em situação de vulnerabilidade, **sem proteção, sem segurança**, poderá buscar nas drogas, nas substâncias psicoativas uma forma de alívio no momento de estresse, de ansiedade, de angústia, vivenciados nessa fase que é tão propícia, e, podendo, assim, desencadear um relacionamento de dependência química.

A segurança e o ensino advindos dos pais, são primordiais para a proteção e bem estar do adolescente, e, essa é uma das atribuições dos pais. Os pais devem cuidar, zelar, proteger os filhos de tudo e de todos, impor limites, ter o controle e autoridade sobre os filhos, não se deve delegar a terceiros aquilo que é competência dos pais, aquilo que é prerrogativa dos pais. Além disso, sabe-se que, é no ambiente familiar que o adolescente será protegido; pois, é nesse ambiente, onde há comunicação, onde há laços sólidos, segurança, cumplicidade, mutualidade, onde há uma aproximação afetiva entre pais e filhos, que propicia um relacionamento aprazível e salutar, que protege e guarda o adolescente de outros ambientes e comportamentos de riscos (PRATTA; SANTOS, 2007).

Segundo um dos participantes da pesquisa, foi exatamente a falta de acompanhamento dos pais, que possibilitou seu envolvimento com as drogas e posteriormente a dependência química:

Eu sempre tive muita liberdade. Raríssimas vezes, minha mãe que fazia algumas perguntas, mas meu pai não. Meu pai era mais na dele. Era trabalho, casa e outros afazeres, dificilmente ele se preocupava comigo, até o momento em que eu me tornei um dependente. Ates, é como falei, tinha muita liberdade (CARLOS, 2021).

E, Ricardo disse:

Olha, eu não sei dizer se minha história seria diferente, mas pode ser que tendo outras oportunidades, oportunidades que eu não tive, pode ser que eu não me tornasse o que eu me tornei: um drogado, um dependente químico, e principalmente, um morador de rua como sou. Caso eu tivesse um pai e uma mãe que cuidasse de nós. Que aconselhasse a gente. Que protegesse eu e meus irmãos (RICARDO, 2021).

Como-se vê, manter o diálogo, estar presente na vida dos filhos, indagando-os, acompanhando de perto, protegendo-os, é muito importante para um desenvolvimento

livre das drogas! Afinal, é por meio do diálogo que os pais irão orientar os filhos, irão impor limites com mais exatidão, ao mesmo tempo que podem permanecer mais próximos dos filhos, e assim detectar e impedir qualquer mudança de comportamento que possa comprometê-los

De acordo com a pesquisa, foi apontado também, como fator preponderante para o uso de drogas na adolescência, **a influência. A influência do ambiente**, onde o adolescente está inserido e a **influência de “colegas”, “de amigos”**.

Fica nítido, que a partir da pesquisa realizada e de alguns pesquisadores, conforme a revisão de literatura apresenta, que a influência do ambiente, assim também, como a influência de amigos e colegas, podem influenciar o uso de drogas nos adolescentes de periferia. Quando indagado, se onde morava tinha tráfico de drogas? Se conhecia alguém do tráfico, se se relacionava com dependentes químicos e, sobre o que o levou a se envolver com as drogas, a ter os primeiros contatos, Carlos, um dos entrevistados disse:

Sim! Tem trafico, sim! No bairro onde moro, é comum pessoas que fazem uso de drogas. Tem bastante pessoas dependentes. Eu conheço muitas pessoas que são dependentes químicos sim! Tenho contato com elas, e me relaciono com elas sim! (CARLOS, 2021).

De acordo com D’Amico e McCarthy (2006), ter uma relação amigável com usuários de drogas, torna-se um gatilho para o uso de drogas lícitas como o álcool e também drogas ilícitas como a maconha entre os adolescentes.

As palavras de Carlos, refletem bem a realidade da maioria dos adolescentes de periferia dos dias atuais e, o quanto eles são influenciados pelo ambiente em que moram, convivem e pelos supostos “colegas e amigos”. Esses adolescentes de periferia, em sua maioria estão rodeados por traficantes e supostos amigos, colegas que são usuários e, em alguns casos tem ligação com o tráfico. Há aqueles que, infelizmente, os próprios parentes são dependentes químicos e, ainda tem ligação com o tráfico.

Ricardo, entrevistado disse:

Meu primeiro contato com as drogas, aconteceu com meus amigos. Foi com os amigos de profissão. Aconteceu bem próximo de onde eu moro. [...] Mas eu acredito que, dificilmente, eu não seria um usuário de drogas; por que, embora eu tenha experimentado as drogas, mais especificamente a maconha, com 13 anos, a minha família já tinha envolvimento com drogas. [...] A minha mãe sempre foi usuária de drogas. Foram 12 anos, todo o período que eu morei com ela, ela usava drogas; A minha mãe já era usuária, não só minha mãe, mas minha irmã e meu irmão também. [...] acredito, que tudo começou por meio de minha mãe. Como você vê, era muito difícil de eu não me tornar o que eu me tornei: um dependente de drogas (Ricardo, 2021).

Segundo Bandura (1977), o sujeito vincula seu comportamento a partir da observação do comportamento do outro e, resultados positivos decorrentes desse comportamento, como valorização social, sensação de pertencimento a tal grupo e a popularidade, são responsáveis pela aprendizagem; pois, ao observar que os adolescentes que consomem drogas são mais populares e aceitos no grupo; o adolescente observa e imita o comportamento do outro afim de ter o mesmo êxito.

A história de Carlos e de Ricardo, não são as únicas, muitos de nossos adolescentes

são influenciados pelo **ambiente** onde estão inseridos, onde moram, ou pelos **“colegas”**, pelos **“amigos”**, infelizmente não têm uma outra oportunidade, se não a de se envolver com as drogas e se tornar cativos, dependentes dela. De acordo com o relato dos entrevistados, todos, quando iniciaram-se o uso de drogadição, moravam em ambientes favoráveis, propício ao envolvimento e experimento de drogas. Eles moravam próximos de locais onde se praticavam o tráfico, local de fácil acesso as drogas; além do mais, de acordo com eles mesmos, tinham amigos e parentes que eram usuários e dependentes químicos. Em muitos casos, os parentes eram bem próximos, eram pais, irmãos integrantes da própria família e que moravam juntos. De acordo com os estudos de Costa et al. (2012), percebeu-se que adolescentes que moram em área de riscos, assim como adolescentes que convivem com parentes, amigos ou próximos de pessoas que fazem uso, tenham uma maior probabilidade de se tornarem usuários de drogas. Os estudos de Costa et al. (2012), relata, ainda, que os próprios adolescentes disseram que os pais servem de exemplo, uma vez que eles são usuários, e assim, poderiam leva-los a adotarem o mesmo comportamento quanto as drogas.

É perceptível, que para muitos dos entrevistados, o envolvimento com as drogas, se deu, também, pela falta de um relacionamento mais próximo, de cumplicidade, de mutualidade entre pais e filhos, onde os pais pudessem, quando necessário exercer sua autoridade e responsabilidade de pai, disciplinando, impondo limites, atuando com mais rigidez; assim também, como em outros momentos, tratar o filho com afetividade, com amor, protegendo e esclarecendo as dúvidas sobre as drogas. Broecker & Jou, (2007), diz que: um relacionamento afetivo, regado de apoio e compreensão entre pais e filhos, permite que os adolescentes sintam-se aceitos, protegidos e valorizados, fatores que ajudam a proteger os filhos contra a drogadição e a contribuir com um desenvolvimento positivo e agradável dos mesmos.

Além dos fatores, acima citados, como fatores que levam adolescentes de periferia a se envolverem e fazerem uso de drogas, há também outros quatro fatores que foram citados com grande ênfase pelos entrevistados, são eles: a **liberdade, curiosidade, oportunidade e facilidade de acesso as drogas**: estes, precisam ser levados em consideração, como fatores de grandes potencialidades, de estímulo ao uso de drogas na adolescência; quando indagados sobre o contexto em que foram criados, se em sua concepção poderiam, de alguma forma, contribuir para o uso de drogas, Roberto respondeu da seguinte maneira:

Sim! Eu tinha liberdade para ir onde quisesse e me envolver com quem eu quisesse também. [...] No bairro onde moro tem muitas pessoas usuárias de drogas. São muitos os dependentes e, eu conheço bastante pessoas que vivem nessa vida, nessa dependência química (ROBERTO, 2021).

Como se vê, o adolescente, por estar em situação de vulnerabilidade, onde o contexto é totalmente favorável ao envolvimento com drogas, ou seja, há tráfico de drogas, conhece e se relaciona tanto com pessoas do tráfico como pessoas que são dependentes de drogas. Nesse caso, a liberdade relatada por si só já é um fator preponderante, é um gatilho para que o adolescente tenha seus primeiros contatos e posteriormente se torne dependente químico; e, se levar em consideração o fato que é não ter a presença dos pais para aconselhar, para proteger, acabam se tornando alvos fáceis, uma vez que a própria situação de vulnerabilidade associada a liberdade exacerbada, ou seja, sem o acompanhamento dos pais, sem a monitoração dos pais, facilita esse primeiro contato.

Por isso, antes de trazer a fala de um outro entrevistado, trago a memória as palavras de alguns pesquisadores como: Schenker e Minayo (2005), que diz que: a reação do adolescente frente as drogas, depende da influência que a família exerce sobre o mesmo. Ou seja, de acordo com eles, um relacionamento saudável no seio da família contribui para proteção do adolescente frente à droga por toda a vida; e, de acordo com os estudos realizados por Mosqueda-Diaz e Ferrani (2011), os adolescentes entrevistados por eles disseram que, no contexto geral, as relações familiares servem como fator de proteção por causa do bom diálogo entre pais e adolescentes. E, ainda, Malta et al., (2011b) diz que: A família tem um papel primordial na prevenção de riscos quanto ao uso de drogas Lícitas e ilícitas. Marcelo, outro entrevistado, respondeu:

Fui criado num ambiente de traficantes, de usuários. E, eu vi que, aqueles que serviam os caras, os traficantes, eles ficavam só com meninas bonitas, e aí, isso me despertou, chamou minha atenção, aí, eu quis, tipo, eu escolhi usar droga (MARCELO, 2021).

De acordo com Silva et al. (2006), citado na revisão bibliográfica, entende-se que os primeiros contatos com as drogas, podem acontecer de várias maneiras e por diversos motivos. Pois, essa é uma fase de muita complexidade, onde o adolescente, muitas vezes, é dominado pela curiosidade, pelas dúvidas, pelo desejo de conhecer tudo que vem ao seu encontro, de experienciar aquilo que é novo, mesmo com a possibilidade de riscos, afinal, é nessa fase que o sujeito pensa ser capaz de decidir por si mesmo, sem a orientação de outros mais experientes. Esse é o momento de sua afirmação, da busca de sua identidade como sujeito. (SILVA et al., 2006). São por esses motivos que se faz, mais do que necessário, a presença dos pais na vida dos adolescentes. É preciso acompanhar os filhos adolescentes como pai, como amigo, com o intuito de impedir que a **“liberdade”** seja motivo de envolvimento com as drogas, e que o adolescente se torne um usuário, um dependente químico. A liberdade é muito importante para o adolescente, porém, sem critérios, sem limites impostos pelos pais, se torna um perigo, faz do adolescente um alvo fácil, uma presa impotente, vulnerável para traficantes e para o vício das drogas.

Afinal, de acordo com Ricardo, se ele tivesse alguém para o acompanhar mais de perto, impondo limites e esclarecendo sobre as drogas, quem sabe, sua história poderia ser diferente. Vejamos com suas palavras:

Olha, eu não sei dizer se minha história seria diferente, mas pode ser que tendo outras oportunidades, oportunidades que eu não tive, pode ser que eu não me tornasse o que eu me tornei: um drogado, um dependente químico, e principalmente, um morador de rua como sou. Caso eu tivesse um pai e, uma mãe, que cuidasse de nós. Que aconselhasse a gente. Que protegesse eu e meus irmãos (RICARDO, 2021).

E José disse:

Eu tinha, na época, 10 anos quando eu me envolvi, meu pai morreu e, mesmo quando era vivo, nem ele, nem minha mãe, não me acompanhavam assim tão de perto. Sempre tive muita liberdade, mesmo com 10 anos. Não sabiam, nem perguntavam aonde eu estava, com quem eu estava. Meus pais não tinham esse controle assim sobre minha vida (JOSÉ, 2021).

A liberdade que muitos adolescentes têm, conforme citado por alguns dos entrevistados acima, associado a situação de vulnerabilidade, quando criados em meio ao tráfico, tendo contato, e até mesmo convivendo com pessoas usuárias de

drogas, coloca os adolescentes numa situação de fragilidade, e de candidatos exponenciais a usuários de drogas e, automaticamente dependentes químicos.

Não se pode esquecer que, (PINSKY; BESSA 2012) nos diz que: a fase da adolescência é uma fase de grandes desafios, a adolescência é uma fase típica de grandes transformações, ruptura e aprendizado. Esse é momento onde o adolescente se lança em busca de novidades, de conhecimento, e afirmação pessoal; com isso surge o medo, a instabilidade, a insegurança e também o amadurecimento. É nessa fase que ocorre a mudança hormonal deixando o adolescente mais agitado, cheio de energia, com disposição em alguns momentos, e em outros momentos entediados, sem ânimo, sem disposição, irritado, insatisfeito. Por essa fase ser tão complexa e desafiadora como Pinsky e Bessa (2012) nos diz, a presente pesquisa traz também o fator **curiosidade**, como fator preponderante para lançar e contribuir com o envolvimento do adolescente no mundo das drogas.

**A curiosidade**, bastante citada na presente pesquisa, como fator preponderante ao uso de drogas na adolescência, significa o desejo intenso que o adolescente tem de interagir com tudo e todos que estão ao seu redor, isso devido à complexidade dessa fase, conforme Pinsky e Bessa (2012) nos diz. Pois é nesse momento que o adolescente está aguçado, obcecado pelo desejo de conhecer, de experimentar, de provar aquilo que é desconhecido, daquilo que é novo. É nesse momento, nesse contexto de tanta complexidade, de tanta curiosidade, que segundo a pesquisa, pode surgir um outro fator citado que é a **oportunidade**. Uma vez tendo liberdade, sem a preocupação e monitoramento dos pais, conforme aponta a pesquisa, e tendo o adolescente total liberdade e oportunidade, pois segundo ele mesmo, o contexto onde mora, as pessoas as quais ele tem no seu círculo de relacionamento propicia, viabiliza esse envolvimento e a possibilidade de se tornar usuário de entorpecentes.

Destarte, não é por coincidência, que a partir da oportunidade, juntamente com os demais fatores citados acima, os quais têm forte influência sobre a vida do adolescente, pode-se desencadear como fator preponderante também, e muito citado na pesquisa, para o envolvimento dos adolescentes nas drogas, **o fator facilitador de acesso**. A pesquisa revela que todos os demais fatores citados até aqui, servem de facilitador de acesso para os adolescentes ingressarem no mundo das drogas e, automaticamente exponenciais dependentes químicos, conforme o relato de alguns entrevistados que, depois de terem experimentado as drogas, ainda hoje, depois de quinze, vinte e trinta anos, se veem presos a elas; todos os entrevistados, conforme apresentados na tabela de participantes acima, são dependentes químicos.

#### 4.2. Consequências que o uso de drogas na adolescência pode acarretar para vida do adolescente;

##### Quadro 2:

Categories	Significados	Quantidade
1. Crime; 1.1 Prisão; 1.2 Evasão/abandono escolar 1.3 Discriminados	Transgredir ou infringir a lei, às normas determinada por uma sociedade ou grupo o qual ele faz parte; perder a liberdade, estar aprisionado em algum lugar, não ter o direito de escolha; deixar a escola ao final de um	

	ano letivo e não voltar mais, ou abandoná-la em meio ao ano letivo e não voltar; tratar de forma diferente, desigual uma pessoa ou grupo. Segregação entre uma pessoa e outra ou um grupo, ser rebaixar, diminuir o valor de outra pessoa ou objeto; rebaixamento moral, afronta, diminuição	109
2. Perda de dignidade; 2.1 Perda de emprego 2.2 Prostituição 2.3 Morar na rua 2.4 Sentimento de inferioridade	É a perda da honra, é não agir, não proceder honestamente, não ter credibilidade, confiança de outros, é ser visto como um transgressor, alguém que infringi a lei, os Estatutos que regem determinado grupo ou sociedade; tudo isso leva a um sentimento inconsciente, onde a pessoa se sente inferior a outra	77
3. Prejuízos no relacionamento interpessoal; 3.1 Na família 3.2 Na sociedade	Perder o convívio familiar e social. Não sentir, não ter mais prazer em estar, em conviver com seus familiares ou alguém que tenha algum vínculo, não conseguir viver socialmente, não conseguir estar inserido na sociedade como os demais.	35
4. Doenças	Ausência de saúde, estado em que o indivíduo é impedido de viver normalmente como os demais; dependente de tratamento para restauração de sua saúde	15

De acordo com a pesquisa realizada, foram apresentados no quadro acima, alguns resultados como consequências que o uso de drogas na adolescência de periferia pode acarretar na vida do adolescente. Sabe-se que a dependência química é classificada como transtorno mental e pode impactar a vida do indivíduo que tornar dependente dela. A dependência química pode afetar o indivíduo de forma física, psicológica e emocional, que irão interferir de maneira significativa em sua vida.

A presente pesquisa aponta ainda, conforme o quadro acima, outras consequências que o uso de drogas na adolescência pode causar como: **o comprometimento no convívio social, pode promover atritos familiares, baixo rendimento na escola, no trabalho**, pode influenciar de forma negativa em várias outras áreas de sua vida. O dependente químico se torna refém de seu desejo incontrolável, causado pela dependência química, não consegue se desvencilhar do uso, da dependência, ainda que este saiba o quanto a droga tem efeito destrutivo para sua vida.

A partir daqui, iremos discorrer, de forma mais detalhada, sobre as consequências que a droga causou na vida desses adolescentes de periferia. Segundo a pesquisa, **o crime, a prisão, a evasão escolar e a discriminação**, são as consequências mais comuns na vida do adolescente dependente químico; estas foram citadas (109 vezes) pelos entrevistados.

A pesquisa apurou que o dependente químico sabe que é **crime** o uso de drogas ilícitas; de acordo com a fala de alguns dos entrevistados, a droga, além de ser considerada **crime**, simplesmente pelo seu uso, é, em muitos casos, a responsável por lançar o usuário, o dependente químico, no mundo do **crime**. Marcelo, um dos

entrevistados disse:

Eu tinha conhecimento do perigo que aquilo representava, mas eu confesso que, também desde pequeno, eu tinha comigo uma, como posso dizer? Aquela questão, tipo de favela, de morro, tipo, **vida do crime**, isso sempre me atraiu muito (MARCELO, 2021).

De acordo com Fogaça (2021), é considerada droga, a substância que provoca alguma mudança fisiológica ou comportamental no indivíduo. Drogas como a maconha, cocaína, Crack e outras, são consideradas drogas ilícitas. Destarte, o apenas usar estes tipos de drogas se configura **crime** perante a Lei. Como se vê, há pesquisa traz o **crime**, como uma entre várias consequências, e não apenas pelo fato de usar drogas ilícitas, mas também, por esta ser responsável por lançar, em alguns casos, o dependente químico no mundo do crime; um dos exemplos é: roubar para sustentar o próprio vício. Pedro nos falou algo sobre isso, em sua entrevista:

Conheço pessoas assim, que vive no mundo do crime para sustentar seu vício. Conheço advogado, engenheiros e outros profissionais que são viciados, que largaram, perderam tudo: emprego, casa, família, carro, até mesmo a dignidade, por causa das drogas. Conheço outros que, realmente, entraram na vida do crime para sustentar seu vício, o problema é que muitos desses estão presos, outros já até morreram (PEDRO, 2021).

Uma vez sendo lançado no mundo do crime, muitos vão parar na **prisão**. A prisão, uma das consequências citadas na presente pesquisa, pode ser considerado um fator divisor do antes e depois. O antes da prisão e o depois da prisão; levando em consideração em que muitos desses jovens, ao se lançarem no mundo das drogas e passando a roubar para sustentar o vício, podem, já de início, serem presos, e a partir daí, terem suas vidas mudadas para sempre. Isto, porque, a prisão, deveria ser o último lugar, ou talvez, o lugar aonde o adolescente/jovem jamais deveria parar. O que o recluso passa no sistema **prisional**, a maioria sabe, é marcada por agressão física, psicológica. O jovem, quando preso, se molda a cultura **prisional**, ou seja, o detento passa a assimilar a cultura prisional.

É como Bitencourt, (1993) diz: é a partir da prisão, que as tradições, os princípios, as atitudes e valores carcerários são impostos sobre o jovem detento. Destarte, esse é levado a aprender, a assimilar, a ser moldado por essa cultura carcerária que agora faz parte da vida desse, ainda jovem, porém, prisioneiro. Quando este sai da prisão, sai sem norte, sem chão e estigmatizado, por mais que tenha uma família do outro lado da porta.

Ao sair da **prisão**, o jovem que outrora era visto pela sociedade como um drogado, um dependente químico, agora é estigmatizado, não somente por ser um dependente químico, mas também por ser um ex-presidiário. Este, passa a ser **discriminado**, conforme a pesquisa revela por meio da fala de um dos entrevistados:

Nosso relacionamento com as pessoas não são mais os mesmos. As pessoas nos veem de forma diferente, somos discriminados. Na verdade a sociedade olha pra gente com um olhar de rejeição, [...] Mas, como as drogas, na maioria das vezes, leva o indivíduo ao crime, todos acabam passando por essa situação de discriminação, de rejeição, de abandonado. [...] Eu conheço muita gente que vive nesse mundo (ROBERTO, 2021).

As consequências não se limitam até aqui! As drogas na vida do adolescente, são avassaladoras; conforme a pesquisa mostra: em alguns casos, além de leva-los ao

mundo do crime, a uma prisão, fazendo com que fiquem encarcerados, privados de sua liberdade e consequentemente a **discriminação** por parte da sociedade, leva-os a perda de valores essenciais para vida do ser humano. Valores como estudar, fazer uma faculdade, ter uma profissão; destarte, **o abandono escolar** está associado ao dependente químico, pois de acordo com a pesquisa, muitos **abandonam a escola** ainda cedo; é o que diz Roberto, o um dos entrevistados:

A gente perde a dignidade, a credibilidade, abandonei a escola, faculdade, emprego etc. cheguei a comer lixo, porque o dinheiro é só para as drogas. É uma vida difícil e, infelizmente, depois que a gente entra é muito difícil sair. É uma verdadeira prisão, você não tem mais controle sobre as drogas, muito menos de sua vida. É uma verdadeira prisão (ROBERTO, 2021).

Esse é um fenômeno que a maioria já conhece, quando o adolescente se envolve com as drogas, o abandono escolar, a evasão escolar, é uma questão, apenas, de tempo. Tanto é que, estudos nacionais, têm identificado como causas de evasão escolar e repetência o uso de drogas ilícitas na adolescência, ou seja, o adolescente que está envolvido com drogas, normalmente abandona a escola ou repete o ano (Bahls & Ingbermann, 2005; Queiroz et al., 2001).

Destarte, o adolescente envolvido com as drogas, além de ter como possíveis consequências discorridas acima, vê sua vida totalmente comprometida em vários outros aspectos; são problemas de saúde, financeiros, problemas sociais abrangentes que o leva a **perda de dignidade, perda de emprego, prostituição, abandono da família para morar na rua, e ainda o sentimento de inferioridade**. Estas são, possíveis consequências, que podem marcar drasticamente a vida desses adolescentes. De acordo com roberto, o adolescente

Perde a dignidade, a credibilidade; abandonei a escola, faculdade, emprego etc. cheguei a comer lixo, porque o dinheiro é só para as drogas. É uma vida difícil e, infelizmente, depois que a gente entra, é muito difícil sair. (ROBERTO, 21).

O adolescente, segundo Roberto, ao se envolver com as drogas, perde sua **dignidade**; a perda de **dignidade** pode ser considerada por ele mesmo, o fato de **abandonar a família e, ir morar na rua**; pois, ao abandonar a família e, se instalar na rua, possivelmente, caso tivesse um **emprego**, ainda que menor aprendiz, ele já não terá mais. Assim ele se associa a outros grupos, se isolam de seus familiares, da sociedade, e passam a viver num submundo; submundo das drogas, criado por eles mesmos. Destarte, já não tendo mais o emprego, o apoio de seus familiares, acabam se envolvendo na **prostituição**, talvez, essa agora, é a única forma de conseguir algum dinheiro para sustentar o seu vício. A partir desse ponto o adolescente não se preocupa com mais nada, nem mesmo com suas necessidades mais básicas, como higiene pessoal, vestimenta, e até mesmo com seu alimento; todo o dinheiro alcançado, ainda que seja na prostituição, é para o consumo de drogas; é para sustentar seu vício, que o domina; por isso passa a tirar seu alimento, em algum momento, e como disse Roberto, do lixo. Destarte, é fácil entender porque muitos convivem com **o sentimento de inferioridade**, conforme Pedro diz com suas palavras:

Porque o drogado é discriminado. Não tem a confiança das pessoas, são desacreditadas. São pessoas que na maioria das vezes perdem o emprego,

largam família, largam o lar, tudo isso por causa das drogas. A pessoa perde totalmente a dignidade (PEDRO 2021).

Podemos dizer que, a partir de uma visão pré-moderna, **a dignidade**, desde os primórdios, da Roma antiga, até emergir o Estado Liberal, a dignidade era identificada com Status pessoal de cada sujeito; sua condição social, sua integridade moral, A dignidade era uma credencial; era usada para classificar os sujeitos como superiores e inferiores. Pode-se citar como exemplo o emprego dessa palavra, a nossa constituição (Brasileira) de 1824, quando citava dignidade apenas a da nação, do imperador e de sua esposa (SARLET, 2013).

Pode se dizer que, ao se envolver com as drogas e, ao se tornar um dependente químico, o adolescente deixa para trás tudo aquilo que pode fazer do mesmo, um concidadão promissor e responsável, que contribui para o bem estar de uma sociedade, e assim viver como alguém excluído da mesma; alguém que perdeu sua condição social, sua integridade moral, seu status que um dia lhe permitiu ser visto como um ser humano de grande valor.

O adolescente dependente químico, segundo Marcelo, tem um grande prejuízo no **relacionamento interpessoal**, o adolescente não consegue manter o mesmo relacionamento que tinha com as pessoas antes de se tornar um dependente químico. Esse prejuízo, se dá no **relacionamento interpessoal com sua própria família**, assim também **como na sociedade**. De acordo com ele, até mesmo entre seus familiares, já não existe mais diálogo, não existe mais o relacionamento que havia antes de se tornar dependente; Marcelo disse:

Fiquei cem por cento falido, em todas as áreas da minha vida, emocionalmente e financeiramente. **Perdi o relacionamento familiar** com minha ex-esposa e minhas filhas. Por mais que eu, as vezes, tento me aproximar delas, não é a mesma coisa. Por mais que eu tento fazer a minha parte de pai, eu não posso dizer que tenho uma família, pois não há mais o **relacionamento familiar** (MARCELO, 2021).

Segundo Halpern (2002), o relacionamento entre família e adolescente dependente químico, pode ficar comprometido por haver uma interação familiar negativa e limitada, no sentido de resolver os problemas que surgem, isso porque as famílias são consideradas confusas e disfuncionais.

As dificuldades de solucionar os problemas existentes, pode ser devido à falta de preparo para lidar com o problema. Afinal, a maioria das famílias não estão capacitadas para lidar com essa situação. As famílias não passam por nenhum tipo de curso, de especialização para lidar com filhos adolescentes dependentes químicos.

Pedro acrescenta que, o **relacionamento interpessoal**, fica comprometido também, entre este adolescente e a sociedade, ou seja, não é só no contexto familiar.

Nosso **relacionamento com as pessoas** não são mais os mesmos. As pessoas nos veem de forma diferente, somos discriminados. Na verdade a sociedade olha pra gente com um olhar de rejeição, Ainda que eu, conforme falei, não faça mal a ninguém (PEDRO, 2021).

Segundo Andolfi et al., (1984), o **relacionamento familiar** fica comprometido quando a mudança de comportamento passa a ser considerada uma ameaça. Destarte,

percebe-se uma crescente rigidez do esquema relacional presente e da característica de cada integrante da família, assim também, como do adolescente dependente químico.

**O relacionamento interpessoal** entre esse adolescente e sua família, assim também, como **o relacionamento interpessoal do adolescente e a sociedade**, fica comprometido a partir do momento em que se constata a falta de compreensão, de empatia, de paciência da parte destes. Pois, tanto um quanto o outro, devem olhar para o adolescente como alguém que **adoeceu, como alguém que está doente**, e que precisa de ajuda, precisa de apoio, precisa de tratamento.

É preciso olhar para estes adolescentes, não com um olhar de acusação, apenas de reprovação, mas com um olhar de misericórdia, de alguém que deseja ajuda-los, principalmente, pelo fato de que muitos deles, além da **doença** que é representada pela dependência química, conforme constatado nessa pesquisa, este adolescente, pode ser portador de outras **doenças** que são muito comuns entre os dependentes químicos, **doenças** como: DSTs, Hepatites B ou C, Sífilis, HIV e outras mais, que de acordo com algumas pesquisas, sua transmissão está nitidamente relacionada com o abuso de drogas. José, assim nos diz:

Tem as doenças que contraímos, muitas vezes a gente come comida do lixo. Na verdade nos tornamos escravos das drogas. Não temos mais controle sobre nós mesmos. Não fazemos mais o que queremos, e sim o que as drogas querem (JOSÉ, 2021).

E Silvia completa:

A prostituição é uma coisa constante na vida do usuário de drogas, a irresponsabilidade. Em muitos casos, as doenças, a gravidez do dependente químico. É a insegurança a fome, o viver nas ruas. O dependente químico não tem prazer em nada mais, a não ser no satisfazer seu próprio vício (SILVIA, 2021).

A droga, como se vê, é avassaladora. A principal consequência que ela traz para o ser humano, é torná-lo, é fazer dele um vassalo, ou seja, fazer do homem, do ser humano um dependente, alguém submisso que não tem mais prazer em si mesmo, mas sim, em satisfazer a vontade do outro, que nesse caso, são as drogas, as drogas que tornou senhor de sua vida.

#### 4.3. Consequências que o uso de drogas na adolescência pode acarretar para sua família;

Quadro 3:

Categories	Significados	Quantidade
1. Conflito familiar 1.1. Afastamento de um ente querido do convívio familiar 1.2. Sofrimento	Conflito, o qual leva ao afastamento familiar, e conseqüentemente o abandono de seu lar, Perder o convívio familiar, ou não sentir, não ter mais prazer em estar, em conviver com seus familiares	75

<p>2. Humilhação 2.1. Perda da dignidade 2.2. Discriminados</p>	<p>Rebaixar, diminuir o valor de outra pessoa ou objeto; rebaixamento moral, afronta, diminuição, Tratar de forma diferente, de forma desigual, uma pessoa ou grupo. Segregação entre uma pessoa e outra ou um grupo e outro</p>	<p>57</p>
<p>3. Violência 3.1. Crime 3.2. Insegurança 3.3. Medo</p>	<p>Transgredir ou infringir a lei, às normas determinada por uma sociedade ou grupo o qual ele faz parte; ação, efeito de agir com força física ou intimidação moral contra outrem; Sensação de insegurança, falta de firmeza, impotencialidade, temor exacerbado</p>	<p>34</p>

De acordo com a presente pesquisa, foram apresentadas algumas consequências que o uso de drogas na adolescência, podem acarretar para sua família. A partir daqui, estaremos abordando algumas dessas consequências.

A pesquisa revelou que, entre às consequências, que o uso de drogas na adolescência, acarreta para seus familiares estão: **o conflito familiar, o afastamento de seus familiares, e o sofrimento** que tudo isso causa.

Quando a desconfiança paira sobre o lar, sobre a família e, até mesmo quando se confirma que um ente querido, principalmente, se o caso for de um adolescente, quase que em todos os casos, os demais integrantes dessa família entram em desespero. Nesse momento, a instabilidade emocional tende a prevalecer, causando **brigas, conflitos** e etc. É nesse momento, que muitos adolescentes, ao se verem acuados e sem apoio, acabam **se afastando de seus familiares**, aumentando ainda mais **o sofrimento**, que é tão visível em cada um de seus familiares. É como Carlos relatou em sua entrevista: “Foi incrivelmente horrível. Viver afastado de pessoas que eu amo, pessoas que me amam, privado de muitas coisas por causa das drogas” (CARLOS, 2021).

E, Silvia, ainda diz:

Como eu disse, o sofrimento de nossos familiares, é o que eu descrevo como pior de todas as consequências. Porque eu digo isso? O dependente químico, ele não consegue dimensionar isso, ele não tem noção, do quanto seus familiares estão sofrendo por causa dele (SILVIA, 2021).

De certa forma, é compreensível isso, afinal trata-se de uma pessoa próxima, um ente querido, não é fácil para seus familiares saber que este, em suas idas e vindas, desenvolveu um quadro de dependência química. Para qualquer um é uma situação difícil. Destarte, é fácil de compreender o sentimento de culpa, de tristeza, e até mesmo de revolta por parte de seus familiares. Se de um lado, temos os familiares sem saber o que dizer, o que fazer, muitas vezes, até mesmo sem perceber, suscitando **conflitos**, expressando seus sentimentos de decepção e **sofrimento** que, a princípio, não colaboram em nada. Do outro lado, temos um jovem acuado, desequilibrado emocionalmente, formando assim um cenário de **conflitos, de brigas**, que fará com que o adolescente se sinta ainda mais vulnerável e suscetível ao uso de drogas, se afastando ainda mais de seus familiares que tanto o ama. Tudo isso causa ainda mais **sofrimento** aos familiares.

Embora, o adolescente em situação de dependência química, traga tudo isso como consequência para seus familiares; esta precisa saber lidar com a situação. Pois, a família é fator primordial no que diz respeito a proteger ou não o filho, dessa e de outras situações de risco. Segundo Paz e Colossi (2013), a família, de acordo com a sua postura, de acordo com a sua reação, frente ao fenômeno, poderá ser um fator de risco ou de proteção no que diz respeito ao dependente químico. Quando seus familiares recuam afetivamente, falham no diálogo, acabam favorecendo o uso de drogas; porém, quando seus familiares agem de forma acolhedora, se aproximando de seus filhos, mantendo o diálogo, oferecendo um relacionamento de afeto, de cuidados, estão protegendo seus filhos de possíveis uso de drogas.

Em muitos casos, pelo fato dos familiares não saberem como lidar, como proceder frente a uma situação como essa, de dependência química, pode-se criar **um abismo, uma separação, um afastamento** entre o dependente químico e seus familiares, tornado assim, quase que impossível, o tratamento precoce desse adolescente, causando assim, o sofrimento em ambas as partes.

A questão em si, é bastante complexa, como Carlos explica com suas palavras:

Quem quer ter um parente nessa condição? [...], porque a gente, quando vive nessa vida, não tem paradeiro, não tem horas para chegar em casa, a gente fica mais fora de casa do que em casa. Na maioria das vezes nossos familiares não sabem aonde estamos, com quem estamos (CARLOS, 2021).

Segundo Halpern (2001), o uso de substâncias psicoativas gera consequências em ambas as áreas, tanto do adolescente que está em situação de drogadição, como aos familiares. Em sua visão, a família é um sistema que tem consequências desde de sua origem, sendo considerado assim, um problema familiar.

Como podemos ver, a família sofre por ver seu filho na dependência, na drogadição. Sofre também, por não poder livrar o filho facilmente do mundo o qual ele agora está inserido. Sem que a família tivesse direito de escolha, sem que quisesse, foi transportada para este mundo juntamente com o filho em situação de drogadição. Destarte, este passa a ser um problema familiar. Carlos evidencia isso com suas palavras quando diz: “Certa vez, meu pai saiu atrás de mim, me procurou até mesmo numa boca de fumo” (CARLOS, 2021).

Os familiares passam a conviver com os problemas do filho que está doente, que se tornou um dependente químico.

De acordo ainda, com Carlos, a família passa por **humilhação, pela perda de dignidade, pela discriminação**, por ter um parente, um ente querido nessa situação, na condição de dependente químico. Segundo ele,

É **humilhação** para a família, porque todo drogado é **discriminado**. Não tem a **confiança das pessoas**, são **desacreditadas**. São pessoas que na maioria das vezes perdem o emprego, largam família, largam o lar, tudo isso por causa das drogas. A pessoa perde totalmente a **dignidade**. Qual é a família que não **sofre** vendo um dos seus nessa situação (CARLOS, 2021).

Diante de toda esta complexidade, a família se depara com outras consequências, que podem muito bem retratar o que é estar envolvido, preso no mundo das drogas. Diante da fala de alguns entrevistados, pode-se constatar que tais consequências, se tornam evidências vividas nesse mundo de drogadição. São elas: **violência, crime, insegurança, e medo**.

Silvia nos diz algo sobre isso:

Além do mais, tem a **insegurança**, a desconfiança, a vergonha, a humilhação. Nossos familiares são humilhados, passam por uma vergonha indescritível, passa por um sofrimento inigualável. Tudo isso por nossa causa (SILVIA, 2021).

Há **insegurança** perpassa pela perda de confiança, de falta de credibilidade junto aos familiares, de acordo com Silvia, seus familiares passam a **desconfiar** a ter (**medo**) de suas atitudes, do comportamento o qual as drogas lhe ensinaram. Não é diferente de José. Segundo ele, seus familiares olham para ele como se fosse um estranho. Ele disse:

A falta de relacionamento, a tristeza de me ver assim, a humilhação que minha família passa por eu estar nessa vida. A preocupação, **o medo, a insegurança**, a falta de credibilidade diante da própria família, eles não acreditam mais na gente. Para eles somos irresponsáveis, na verdade é o que somos. Muitas vezes culpamos e até queremos ser tratados diferentes, mas a realidade é essa. A droga rouba o nosso direito de viver, é como se a droga vivesse em nosso lugar (JOSÉ, 2021).

O novo padrão de vida que estes levam, padrão este imposto pelas drogas, pelos grupos os quais fazem parte agora, onde muitos abandonam família, lar, para fazer parte de determinado grupo, muitas vezes, morando nas ruas, traz consigo consequências como **o medo, a insegurança, a violência**, em alguns casos **o crime**, que afetam o relacionamento interpessoal entre o adolescente e seus familiares, é como disse José:

Quantas vezes já ouvimos falar de dependente químico que **agrediu** os pais, **roubou** dos pais, em alguns casos, **matou** os pais para ficar com herança, para **roubar** dinheiro dos pais e alimentar o vício. A droga, ela, devasta a vida de todo aquele que se envolve com ela (JOSÉ, 2021).

De acordo com Selosse (1997), a partir do momento em que o adolescente não consegue suprir seus desejos de forma sucinta, utiliza-se de meios, de comportamentos impetuosos, arbitrários, de forma a não atentar para o que é proibido, ilegal, ou seja, o mais importante é satisfazer sua vontade, é suprir seus desejos, ainda que coloque, tanto a sua vida, como a do outro em risco.

Como podemos ver, a drogadição traz, como consequências, a **violência, o crime, a insegurança, e o medo** para seus familiares, ou seja, uma vez que os adolescentes agem de forma contrária a lei, seus familiares acabam rejeitando-os, e estes acabam indo, na maioria dos casos, morar na rua. Assim, criam-se novas características, uma nova identidade, que o irá torna-lo mais parecido com o grupo o qual agora faz parte.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar como tem se configurado o envolvimento de adolescentes de periferia no vício das drogas. Percebeu-se que essa configuração, segundo a pesquisa realizada, se dá pela complexidade do vício, que leva o adolescente a perder o autocontrole, ou seja, ele já não tem mais domínio sobre sua vida. Assim, essa configuração perpassa por grandes sofrimentos tanto por parte do adolescente que não consegue se abster das drogas, como por parte dos familiares que não sabem o que fazer para livrar o adolescente desse vício.

A partir dos objetivos específicos veremos mais detalhadamente sobre essa configuração, desde os fatores que levam o adolescente de periferia a se envolver com as drogas, como as consequências que estas causam em sua vida e na vida de seus familiares.

Como fatores que levam os adolescentes de periferia a se envolverem com as drogas, a pesquisa revelou alguns fatores preponderantes que influenciaram de várias maneiras a vida desses adolescentes. A pesquisa apontou como causa desse envolvimento alguns fatores como: a ausência dos pais em alguns casos relatados, a influência do ambiente, a influência de colegas e até mesmo de familiares, que facilitaram o acesso às drogas, propiciando assim esse primeiro contato e experimento, como disse Roberto, um dos participantes:

Sim! Eu tinha liberdade para ir onde quisesse e me envolver com quem eu quisesse também. [...] No bairro onde moro tem muitas pessoas usuárias de drogas. São muitos os dependentes e, eu conheço bastante pessoas que vivem nessa vida, nessa dependência química (ROBERTO, 2021).

Como se vê, a pesquisa denuncia esses fatores que expõe, que coloca o adolescente em situação de vulnerabilidade. Fatores como: o tráfico de drogas, colegas, parentes dependentes químicos, que fazem parte de seu convívio, tudo isso, de acordo com a pesquisa realizada, serviram de gatilhos, influenciando esses adolescentes a experimentarem pela primeira vez as drogas; é, como Marcelo relata com suas palavras:

Fui criado num ambiente de traficantes, de usuários. E, eu vi que, aqueles que serviam os caras, os traficantes, eles ficavam só com meninas bonitas, e aí, isso me despertou, chamou minha atenção, aí, eu quis, tipo, eu escolhi usar droga (MARCELO, 2021).

Como consequências, o uso de drogas na adolescência pode acarretar na vida desse adolescente: o fim do relacionamento interpessoal, o abandono ainda precoce da escola, o abandono da família, em muitos casos, o adolescente passa a morar nas ruas, passando a fazer parte do mundo do crime, como José disse:

Quantas vezes já ouvimos falar de dependente químico que **agrediu** os pais, **roubou** dos pais, em alguns casos, **matou** os pais para ficar com herança, para **roubar** dinheiro dos pais e alimentar o vício. A droga, ela, devasta a vida de todo aquele que se envolve com ela (JOSÉ, 2021).

E, como consequências na vida dos familiares desse adolescente que vive na dependência química; a pesquisa revelou que os familiares sofrem muito! Sofrem com a doença do filho, com o afastamento do filho, com o medo a insegurança que toda essa situação proporciona aos familiares; é como Silvia nos diz:

Como eu disse, o sofrimento de nossos familiares, é o que eu descrevo como

pior de todas as consequências. Porque eu digo isso? O dependente químico, ele não consegue dimensionar isso, ele não tem noção, do quanto seus familiares estão sofrendo por causa dele (SILVIA, 2021).

De acordo com a identificação dos fatores que levam o adolescente a se envolver com as drogas, como também as possíveis consequências que estas acarretam, tanto na vida do adolescente dependente químico, como também na vida de seus familiares, é preciso nos aprofundar ainda mais, para trabalhar de forma preventiva e, ainda a amenizar o sofrimento tanto de um, como do outro que está em estado de pleno sofrimento.

## 6. REFERÊNCIAS:

- ANDOLFI, M.; ÂNGELO, C.; MENGHI, P.; NICOLO-CORIGLIANO, AM - Por trás da máscara familiar um novo enfoque em terapia de família. Artes Médicas, Porto Alegre, 1984.
- BAHLS, F. R. C., & INGBERMANN, Y. K. (2005). Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(4), 395-402.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, N. A. de; TUCCI, A. M. (2018). Percepções dos Usuários de Crack sobre as suas Relações Familiares na Infância e Adolescência. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/download/2...> · Arquivo PDF [ Links ]
- BENCHAYA, Mariana C et al . Pais não autoritativos e o impacto no uso de drogas: a percepção dos filhos. *J. Pediatr.*, Porto Alegre , v. 87, n. 03, p. 238-244, jun. 2011. Disponível em:. Acesso em: 17 jun. 2015.
- BEDIN, Livia Perasol; MADEIRA, Thaíse Valentim. *Metodologia de Pesquisa: livro didático*. Vitória. NEAD, 2015.
- Biasoli-Alves, Z. M. (2001). Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. Em Z. M. Biasoli-Alves & R. Fischman (Orgs.), *Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância*. São Paulo: EDUSP.
- BITENCOURT, C. *Falência da Pena de Prisão: Causas e Alternativas* São Paulo: Ed Revistas dos Tribunais LTDA, 1993.
- BROECKER, C. Z., & Jou, G. I. D. (2007). Práticas educativas parentais: A percepção de adolescentes com e sem dependência química. *Psico-USF*, 12(2), 269-279.
- COSTA, A. G., Camurça, V. V., Braga, J. M., & Tatmatsu, D. I. B. (2012). Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 22(2), 803-819.
- D'AMICO, E. J., & McCarthy, D. M. (2006). Escalation and initiation of younger adolescents' substance use: The Impact of perceived peer use. *Journal of Adolescent Health*, 39(4), 481-487.
- Eizirik, M. & Bergmann, D. S. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: Um relato de caso. *Revista de Psiquiatria*, 26(3), 330-336.
- FARIA FILHO, Edson Arantes. Perfil do consumo de álcool e drogas ilícitas entre adolescentes escolares de uma capital brasileira. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)* [online]. 2014, vol.10, n.2, pp. 78-84. ISSN 1806-

6976. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v10i2p78-84>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. "Malefícios causados pelo consumo de drogas"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/saude-na-escola/maleficios-causados-pelo-consumo-drogas.htm>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GARCIA, Jairo Jose; PILLON, Sandra Cristina; SANTOS, Manoel Antônio dos. Relações entre contexto familiar e uso de drogas em adolescentes de ensino médio. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 19, n. spe, jun. 2011 . Disponível em: Acesso em: 14 jul. 2015.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOLDIM, 2001. disponível em: <http://www.ufgrs.br/biotica/projeto.htm>

GUERRA, Valeschka Martins; SCARPATI, Arielle Sagrillo; BRASIL, Julia Alves; et. al. Concepções da masculinidade: suas associações com valores e a honra. *Psicologia e Saber social*. V. 4, nº1. p. 72- 87. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/14840/12963>> . Acesso em: 2 dez de 2018.

HALPERN, S. C. (2001). O abuso de substâncias psicoativas: Repercussões no sistema familiar. *Pensando Famílias*, 3, 120-125. [ [Links](#) ]

HALPERN, SC - O abuso de substâncias psicoativas: repercussões no sistema familiar. *Pens famílias* 3: 120-5, 2002.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Rev. bras. epidemiol.*, São Paulo , v. 14, supl. 1, set. 2011 . Disponível em: Acesso em: 30 jul. 2015.

Ministério Público do Estado do Paraná. Coordenação do Comitê do Ministério Público do Estado do Paraná de Enfrentamento às Drogas. Relatório Mundial sobre Drogas. 2020: Breves Considerações da Coordenação do Comitê do MPPR de Enfrentamento às Drogas. Junho/2020. Curitiba, Paraná. Disponível em: <[MPPR Relatorio\\_Mundial\\_Drogas.pdf](https://site.mppr.mp.br/arquivos/File/Relatorio_Mundial_Drogas.pdf).[https://site.mppr.mp.br/arquivos/File/Relatorio\\_Mundial\\_Drogas.pdf](https://site.mppr.mp.br/arquivos/File/Relatorio_Mundial_Drogas.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MOSQUEDA-DIAZ, Angélica; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Factores protectores y de riesgo familiar relacionados al fenómeno de drogas, presentes en familias de adolescentes tempranos de Valparaíso, Chile. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 19, n. spe, p.789-795, jun. 2011. 11692011000700017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 maio. 2015. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

MINAYO, Maria Cecília. 2009. Pesquisa Social, teoria, método e criatividade. Capítulo 3: Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Ed. Vozes.

PAIVA, Fernando Santana de; RONZANI, Telmo Mota. Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 14, n. 01, p. 177- 183, mar. 2009. Disponível em. Acesso em: 22 jul. 2015.

PAPALIA, D. E, Desenvolvimento humano / Diane E. Papalia, Sally Wendkos Olds e Ruth Duskin Feldman; trad. Daniel Bueno – 8ª. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2006. 888p. 28cm.

PAZ, F. M., & Colossi, P. M. (2013). Aspectos da dinâmica da família com dependência química. *Estudos de Psicologia*, 18(4), 551-558.

Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p.

PINSKY, I.; BESSA, M. A., Adolescência e Drogas / Ilana Pinsky; Marco Antônio Bessa (Orgs.). – 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 103- 114, abr. 2007. Disponível em. Acesso em: 30 jul. 2015

RAMOS, R. Número de jovens envolvidos com drogas cresce no Brasil. Disponível em: <[http://www.metodista.br/rroonline/noticias/saude/2018::~:~:text=De%20acordo%20com%20a%20%C3%BAltima,pesquisa%20anterior%20feita%20em%202012.](http://www.metodista.br/rroonline/noticias/saude/2018/~:text=De%20acordo%20com%20a%20%C3%BAltima,pesquisa%20anterior%20feita%20em%202012.)> O Adolescente e o uso de drogas O ... – SciELO. Ana Cecília Petta Roselli Marques e Marcelo S Cruz. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br>> Acesso em: 14 jun. 2021.

RÊGO, T./ABR/Reprodução. Pesquisa aponta que jovens entram cada vez mais cedo no tráfico de drogas. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br>> cidadania > 2018/08.

SANCHEZ, Zila van der Meer; OLIVEIRA, Lúcio Garcia de; NAPPO, Solange Aparecida. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 599-605, ago. 2005. Disponível em: Acesso em: 28 jul. 2015

SANCHEZ, Zila van der Meer et al. O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 03, maio 2010. Disponível em: Acesso em: 28 jun. 2015.

SARLET, Ingo Wolfgang. Comentário ao art. 1º, III. In: CANOTILHO, José Joaquim G. et al. (Coords.). *Comentários à Constituição do Brasil* São Paulo: Saraiva, 2013.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717. doi: 10.1590/S1413-81232005000300027 [ Links ]

SELOSSE, J. (1997). La réparation dans le champ éducatif. Em J. Pain & L.M. Villerbu (Orgs.), *Adolescence, violences et déviances (1952-1995)* (pp.76-85), Vigneux: Éditions Matrice.

SILVA, E. A. da; MICHELI, D. de; CAMARGO, B. M. V. de; BUSCATTI, D; ALENCAR, M. A. P. de; FORMIGONI, M. L. O. S. Drogas na adolescência: temores e reações dos pais – PePSIC. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org> > scielo

SODELLI, M. (2015). Vulnerabilidade, Resiliência e Redes Sociais: Uso, Abuso e Dependência de Drogas. Em Eroy A. Silva., Yone G. Moura., & Denise K. Zugman. (Orgs.), *Vulnerabilidades, Resiliência e Redes: Uso, abuso e dependência de drogas*. São Paulo: Red Publicações.